

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE LETRAS

CLARICE MARIA VIEIRA

**VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CONTO CLARICEANO “A LÍNGUA DO
‘P’(ATRIARCADO)”**

Maceió

2022

CLARICE MARIA VIEIRA

VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CONTO CLARICEANO “A LÍNGUA DO
‘P’(ATRIARCADO)”

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Universidade Federal de Alagoas como parte dos
requisitos necessários para a obtenção do Grau no
curso de Letras-Português. Sob a orientação da
Professora Doutora Susana Souto Silva.

Maceió

2022

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

V658v Vieira, Clarice Maria.

Violência de gênero no conto clariciano “a língua do ‘p’(atriarcado)” /

Clarice Maria Vieira. – 2022.

33 f.

Orientadora: Susana Souto Silva.

Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Letras - Português) –
Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 32-33.

1. Literatura. 2. Patriarcado. 3. Gênero e violência. 4. Contos
brasileiros. 5. Lispector, Clarice, 1920-1977. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)-34

VISTO DA
COORDENAÇÃO



Universidade Federal de Alagoas - Ufal
as – **Fale**Sítio: www.fale.ufal.br E-mail: coordlet@ufal.br Fone (82) 3214-1333

inclusão
expansão
inovação

AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço a minha família, o apoio da minha mãe Maria Cicera da Silva, foi o pilar para continuar seguindo em frente, seus conselhos me ajudaram a chegar até aqui, além de que, ela foi minha maior inspiração para a escolha da temática do meu trabalho de conclusão de curso, obrigada mãe, por ser tão forte e ter ficado ao meu lado por todos esses anos. Outro membro especial para este momento foi meu querido irmão Rogério José da Silva Vieira, agradeço imensamente por todo apoio, palavras carinhosas e preocupação durante toda a minha trajetória acadêmica, eu não seria nada sem você e para finalizar o pilar familiar, agradeço a minha tia Elisangela Maria da Silva, que esteve ao meu lado, segurando minha mão e me incentivando a continuar.

Além dessas pessoas incríveis, também tenho muitos agradecimentos a minha professora, companheira de pesquisa, orientadora e amiga, Susana Souto Silva. Agradeço por toda nossa trajetória linda durante minha graduação, pelo companheirismo, ensinamentos e comprometimento com a universidade e seus alunos. Obrigada por tudo, vou ser imensamente grata por todos os nossos momentos juntas, serás uma memória bonita e cheia de alegria que carregarei comigo.

Não posso deixar de agradecer aos amigos que encontrei nesta caminhada, agradeço a todos aqueles que permaneceram e também aqueles que já não são tão próximos, obrigada por compartilharem momentos únicos e terem marcado minha graduação de maneira tão especial, Bárbara Bezerra, Daniela Ferreira, Elvys Teixeira, Gabriel Peixoto, Marilâne Nascimento, Marileila Nascimento, Melissa Figueiredo, Millena Figueiredo, Moisés Barbosa e Thalyta Vasconcelos.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Alagoas por garantir educação pública e de qualidade para seus alunos, terei sempre um grande carinho pela instituição.

RESUMO

O presente trabalho é um estudo voltado para a análise do conto Clariceano “A Língua do ‘P’” publicado em 1974, na coletânea *A via crucis do corpo*. A análise está direcionada às questões sobre o patriarcado e como esse sistema social que favorece homens, especialmente, héteros, brancos e cisgêneros, está presente na violência de gênero, especificadamente ao estupro seguido de morte, ato que ocorre na narrativa analisada. O estudo busca trazer conceitos propostos por teóricas mulheres, sobre gênero e também conceitos de outros elementos importantes para a análise. Vale salientar a importância que tem a literatura para a sociedade, pois é através das narrativas que podemos ver a incorporação de elementos tão presentes do cotidiano dos seus leitores, e é a partir da escrita ficcional dos escritores que esses elementos podem ser pensados e questionados. Para fundamentação teórica há textos sobre teoria do conto (GOTLIB, 1985; CORTÁZAR, 2006) e textos sobre violência de gênero (SARDENBERG, 2004; FIGUEIREDO, 2014; SAFFIOTI, 2015).

Palavras-chave: Literatura. Patriarcado. Violência de Gênero. Conto. Clarice Lispector.

ABSTRACT

The present work is a study focused on the analysis of the Claricean short story “A Língua do ‘P’” published in 1974, in the collection *A via crucis do corpo*. The analysis is directed to questions about patriarchy and how this social system that favors men, especially straight, white and cisgender men, is present in gender violence, specifically rape followed by death, an act that occurs in the analyzed narrative. The study seeks to bring concepts proposed by women theorists, about gender and also concepts of other important elements for the analysis. It is worth noting the importance that literature has for society, because it is through the narratives that we can see the incorporation of elements that are so present in the daily lives of its readers, and it is from the fictional writing of the writers that these elements can be thought and questioned. For theoretical foundation there are texts on short story theory (GOTLIB, 1985; CORTÁZAR, 2006) and texts on gender violence (SARDENBERG, 2004; FIGUEIREDO, 2014; SAFFIOTI, 2015).

Key words: Literature. Patriarchy. Gender Violence. Tale. Clarice Lispector.

SUMÁRIO

1 Introdução	10
2 Violência de gênero e suas figurações na literatura	11
3 Cultura do estupro: a violência de gênero disseminada e, muitas vezes, tolerada/justificada	18
4 Clarice Lispector: um pouco da vida e um pouco mais da obra	20
5 A narrativa breve: quem conta um conto ganha quantos pontos?	22
6 O corpo e sua via-crucis	23
7 Conto e violência de gênero: o que pode essa língua do P?	27
8 Algumas considerações finais	32
9 Referências	33

1. Introdução

Ah, está se tornando difícil escrever. Porque sinto como ficarei de coração escuro ao constatar que, mesmo me agregando tão pouco à alegria, eu era de tal modo sedenta que um quase nada já me tornava uma menina feliz. (Lispector, 2015, p. 225)¹

Para iniciar, gostaria de relatar sobre a escolha da temática do meu trabalho de conclusão. Eu poderia ter escolhido qualquer outro tema, mas escolhi violência de gênero devido à persistência desse crime, em nossa sociedade, e também pela familiaridade com o assunto, pois houve muitos casos envolvendo pessoas conhecidas que, até o presente momento, não consideram o ato violento como crime, além de que, os noticiários, todos os dias, apresentam algum tipo de violência. Todas essas situações me fizeram refletir sobre a importância de as pessoas conhecerem as violências de gênero, para que possam 1. identificar os crimes, 2. conhecer seus direitos e 3. entender que as denúncias são necessárias, para que haja alguma punição pelos atos hediondos, na possibilidade de, talvez assim, reduzir a naturalização desse tipo de violência.

Diante disso, com a ajuda da minha orientadora Susana, conheci *A via crucis do corpo* (1974). Eu já era leitora da obra clariceana, por quem eu tinha uma preferência, então foi algo que me deixou feliz, analisar um conto de uma escritora de que gosto e com a temática que considero de grande importância social. Essa junção - de uma autora que amo com um tema urgente - me pareceu o toque final para dar início às minhas pesquisas e análises.

A partir das informações expostas, passo a uma pequena apresentação da escritora Clarice Lispector e da obra analisada, pois posteriormente haverá o detalhamento necessário sobre a autora e o conto.

Clarice Lispector é uma grande escritora, foi considerada revolucionária para o tempo que escrevia, seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, foi publicado em 1943. Algo que chama bastante atenção na escrita de Clarice é a forma intimista, com uma narrativa que se distancia da pretensão de objetividade e assume uma postura bastante subjetiva, complexa e aberta, no sentido do inacabamento e da complexidade de suas personagens, com que a autora escreve, é através desse modo, que ela apresenta as angústias humanas, entre elas, destaca-se a de ser mulher numa sociedade machista, o que é marcado pela presença de protagonistas e narradoras mulheres em suas obras.

¹ Conto "Restos do Carnaval", publicado no livro *Todos os Contos* (2015) de Clarice Lispector.

O *corpus* deste trabalho é constituído pelo livro *A via crucis do corpo* (1974), a coletânea é composta por 13 contos e todos eles retratam algum tipo de violência contra a mulher, o conto analisado será “A Língua do “P””, o décimo primeiro conto dessa coletânea, que traz como temática a violência de gênero, especificamente, o estupro seguido de morte.

Diante da análise do conto, podemos notar a presença constante da violência de gênero, há uma ênfase no assunto estupro, principalmente porque ele acontece num local público, além disso, tem a crítica ao sistema patriarcal que podemos notar através dos trechos das falas dos personagens masculinos.

Lispector no conto “A Língua do “P””, aborda várias questões que mostram as dificuldades de ser uma mulher na sociedade brasileira, na década de 1970, já que o livro é de 1974 e está associado a esse tempo de escrita, todavia, essas dificuldades ainda se perpetuam em nossa sociedade até hoje. A autora, através da sua obra, faz críticas a esse sistema patriarcal presente na sociedade brasileira e alerta todas as suas leitoras do perigo que todas nós passamos todos os dias, dentro ou fora de casa.

Com a leitura do conto, podemos observar que a realidade em que vivemos se assemelha de forma extraordinária com o que é narrado, mesmo considerando que a literatura não é um espelho do real, mas que estabelece com o real uma relação tensa e intensa, de transfiguração ficcional. A partir disso, vale salientar que a cultura do estupro está interligada ao patriarcado, em que os homens, por apenas serem homens, podem e devem exercer poder sobre suas esposas, ou qualquer outra mulher, mesmo que não tenha nenhuma proximidade.

Apesar de o conto apresentar várias formas de violência contra mulher, o objetivo do trabalho é analisar as falas dos personagens masculinos junto à temática principal do conto, ou seja, o ato do estupro, e conseqüentemente como ele é abordado tanto na vida real quanto no conto, além disso, descrever as conseqüências que são ocasionadas à vítima e a falta de punição aos agressores.

2. Violência de gênero e suas figurações na literatura

A violência contra a mulher continua sendo um grande problema social do Brasil e do mundo, mesmo com toda a luta feminista sobre essa questão. De acordo com a OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde - e a OMS - Organização Mundial de Saúde - a violência contra as mulheres, particularmente a violência por parte de parceiros e a violência sexual, é um grande problema de saúde pública e de violação dos direitos humanos das

mulheres. Além de ser um fenômeno constante, poliforme e agravado pela violência física e psicológica da vítima, esta atinge consequentemente a toda sua família (SQUINCA; DINIZ; BRAGA, 2004).

No Brasil o termo começou a ser usado no final dos anos 70 e difundiu-se rapidamente em função das mobilizações feministas contra o assassinato de mulheres e impunidade dos agressores, frequentemente os próprios maridos, comumente absolvidos em nome da “defesa da honra” (GROSSI, 1998). Nos inícios dos anos 80 o conceito “violência contra mulher” tornou-se mais visível por causa do grande número de violência doméstica. Com isso o termo passou a ser usado como sinônimo de violência doméstica em função da maior incidência deste tipo de agressão ocorrer no espaço doméstico e/ou familiar (AZEVEDO, 1985).

Como resultado das lutas feministas, foram surgindo órgãos e programas: a SOS Mulher, Conselho Nacional de Direitos da Mulher, Os Conselhos Estaduais e Municipais de Condição Feminina e as Delegacias de Defesa da Mulher, e demais serviços de atendimentos às mulheres vítimas de violência contra mulher, lembrando que, em geral, esses órgãos não são vinculados a organizações governamentais, foram criados por militantes feministas envolvidas nas políticas públicas, com o intuito de ajudar as mulheres que passam por esse tipo de violência (ARAÚJO, 2008).

Segundo Saffioti e Almeida (1995), com os estudos sobre gênero, alguns autores passaram a usar a expressão “violência de gênero”, ao invés de “violência contra mulher”, devido à primeira forma ser mais ampla, ou seja, não abrange somente as mulheres, inclui também: crianças, adolescentes, homens, trans e cis.

Esse tipo de violência é reproduzida através das relações de poder, em que se expressa uma forma de violência de ordem patriarcal, que dá direitos aos homens de controlar e dominar sua esposa, namorada, mãe, filha, irmã, e para isso, pode-se usar da agressividade. A ordem patriarcal produz a violência de gênero, uma vez que suas bases legitimam a desigualdade e dominação masculina, que passa a ser internalizada por homens e mulheres, de diferentes formas, simbólica, social, econômica, culturalmente, e em diferentes níveis, desde a justificativa dessa violência até a sua negação.

Ao se falar em “violência contra mulher”, pretende-se, na realidade, tratar de relações patriarcais de gênero, que desembocam em violência física ou psicológica, e das desproporções que são estabelecidas nas relações de identidade, convívio e sexualidade entre os sexos. Gênero é uma categoria criada para mostrar que a maioria das diferenças construídas sobre os sexos são estabelecidas a partir do social e é culturalmente diferenciada

pela ordem patriarcal, que criou pólos de dominação e submissão.

Vale ressaltar que o conceito de gênero até o fim dos anos 70 foi elaborado e conceituado como a construção social das identidades e como objeto de estudos feministas. Com a atualização do conceito de gênero, nascem então, novos enfoques de discussões, pois se instaura uma nova problemática no campo feminista. Esses novos enfoques promovem nos estudos a inclusão de tendências universais em relação ao masculino e feminino com as especificidades históricas e culturais.

Segundo Cecília Sardenberg (2004):

O gênero abriu os caminhos para a desconstrução e para a desnaturalização do masculino e feminino. Mas, essa nova problemática também propiciou o surgimento desse ‘fosso’ entre o que elas chamam de feminismo da modernidade e o feminismo da pós-modernidade (p. 24).

Sardenberg relata que os trabalhos feitos sobre a temática, seja ele feito por feministas ou não, trazem o caráter desconstrutivo, ou seja, procura desnaturalizar, desconstruir, principalmente as oposições binárias, incluindo aquelas que implicam sexo/gênero. Sabemos que atualmente estas posturas dicotômicas têm sido criticadas, esse dualismo sexo/gênero que marcou o início das teorizações sobre o conceito de gênero.

Alem disso, o gênero por sua vez, engloba as diferenças sócio-culturais estabelecidas entre o sexo feminino e o masculino, ou seja, traz a noção de que, nas sociedades patriarcais, o homem a partir do falo, é construído socialmente, sendo assim, educado para comandar, atingir seus objetivos, trabalhar e conviver nos espaços públicos. Enquanto a mulher, a partir do seu sexo – vagina –, é construída socialmente como mulher, sendo educada para cuidar dos outros, filhos, família e da casa, e consequentemente tem que obedecer, ceder, se preservar e continuar no espaço privado.

Vários estudos demonstram que a violência sexual contra a mulher ocorre na esfera privada, isto é, no ambiente doméstico, e que os agentes da violência são pessoas próximas às vítimas, tais como pais, padrastos, irmãos ou maridos e namorados (SQUINCA; DINIZ; BRAGA, 2004). Sendo assim, fica mais difícil das vítimas prestarem queixas contra seus agressores, já que o fato ocorreu dentro de casa e foi um pessoa próxima que realizou o ato de violência, acreditando-se também que isso não ocorrerá novamente, ou pior, que a vítima fez algo de errado e por isso foi “punida pelo seu erro”.

No Brasil, para tentar combater essa grande violação aos direitos da mulher, foi criada a Lei 11.340/06 – Lei Maria da Penha, a Lei estabelece que todo o caso de violência doméstica e familiar é crime, deve ser apurado através de inquérito policial e ser remetido ao Ministério

Público. A Lei tem como objetivo prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher. A Lei 13.104/15 - Lei do Feminicídio, alterou o código penal para incluir mais uma modalidade de homicídio qualificado, o feminicídio, que ocorre quando o crime for praticado contra a mulher por razões da condição de sexo feminino.

Sabemos que muitas mulheres denunciam seus companheiros apenas para intimidá-los, depois retiram a queixa e não levam adiante o processo que poderia resultar em uma punição. Mas, mesmo assim, é importante fazer a denúncia. Ela é um momento de ruptura em que a mulher se desloca da condição de opressão/submissão, admite que sofre violência e precisa de ajuda, além disso, permite que exista um registro de casos de violência, o que permite uma visibilidade maior a esse grave problema. Pode significar também um primeiro passo para o “empoderamento” da mulher que sofre a violência e uma possível mudança da relação. Por isso, é fundamental que por ocasião da denúncia ela tenha um bom acolhimento e seja devidamente orientada sobre seus direitos e necessidade de buscar apoio social, familiar, jurídico e psicológico para sair da situação de violência (ARAÚJO, 2008). Mas o que a literatura tem a ver com isso?

Na sociedade, a literatura desempenha vários papéis, dentre eles, podemos destacar um papel ético de abordar problemas contemporâneos aos/às leitores/leitoras, criando condições para que elas/es reflitam sobre esses problemas, associados à realidade na qual estão imersos/as de diversas formas. Assim como na sociedade, na literatura também nos deparamos com situações que não são agradáveis ou com algo que normalmente não é questionado, ou é pouco questionado, na sociedade. Essas situações, quando são representadas de forma ficcionalizada, o que implica mudança, recriação, transformação, ou seja, não se trata de uma cópia fiel, através da literatura podem ganhar mais visibilidade e fazer com que mais pessoas questionem sobre, como exemplo, podemos citar a violência de gênero.

A violência de gênero não é algo novo e o mais preocupante é que, com o passar dos anos os casos só aumentam. De acordo com a pesquisa realizada pelo Banco Mundial², durante a pandemia do COVID-19 no ano de 2020 no Brasil, entre os meses de março e abril, a violência contra mulher aumentou, os casos de feminicídio subiram para 22% a mais em comparação com o mesmo período do ano de 2019. Isso acontece por diversos motivos, entre os quais, destacam-se: ausência de mecanismos mais efetivos de controle (divulgação de formas de denúncia, delegacias de mulheres, veículos disponíveis para rondas policiais em toda a cidade, maior e mais efetiva rede de apoio para mulheres agredidas), e também pela

² <https://news.un.org/pt/story/2020/09/1726642>

anuência de grande parte da sociedade, que fecha os olhos perante tal situação, esse “fechar os olhos” pode ser sintetizado no famoso dito: “Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”. Então, talvez a literatura, com seus meios específicos, pode, assim como outras áreas do conhecimento, dar maior visibilidade a todo esse momento de “cegueira” de uma sociedade patriarcal, misógina e machista. Para comprovar que o assunto violência de gênero está sendo discutido na literatura, fiz alguns apontamentos sobre obras que retratam a violência de gênero em seu enredo, principalmente o estupro, já que é o tema central deste trabalho.

No livro *O abraço* (2005) de Lygia Bojunga, há um trecho que diz:

Então não é criminoso quem arromba uma casa pra se apossar do que tem dentro? [...] Mil vezes pior é o criminoso que arromba o meu corpo. Meu, meu! a coisa mais minha que existe; a minha morada verdadeira, do primeiro ao último dia da minha vida, o meu território, o meu santuário, o meu imaginário, o meu pão-de-cada-dia, e ele vai e arromba! Nem disfarça, nem se insinua: entra na marra. Só porque tem mais força. Não, não, desculpa, eu me expressei mal: força é inteligência, força é imaginação, força é saber trincar dente quando a dor é grande, ele entra na marra porque tem mais músculo, e por isso, só por isso ele me arromba, ele me rasga, ele me humilha [...] e ainda arrisca na saída de me deixar um filho que eu vou ter que arrancar, uma aids que eu nunca mais vou curar (BOJUNGA, 2005, p. 62).

O ato narrado acima, de violência sexual, ou seja, de invadir o corpo do outro sem consentimento, é gravíssimo, o estupro é uma ação terrível e podemos observar através da trecho escolhido, no qual a personagem Clarice está sentindo-se violada, o seu corpo foi invadido quando ela tinha apenas 8 anos de idade e após o estupro, Clarice foi morta pelo agressor. Além de trazer em sua obra o estupro seguido de assassinato, ou seja, o feminicídio, a autora também menciona os perigos a que a vítima é exposta, quando seu corpo é invadido (dentre eles, ISTs - infecções sexualmente transmissíveis - e gravidez indesejada, além de uma série de problemas mentais e psicológicos).

Algo que todos/as sabemos, mas é sempre bom ressaltar, é que a vítima sofre muitas consequências, tanto de curto quanto longo prazo, como já dito anteriormente, e na maioria das vezes a vítima que deveria ser amparada é julgada como culpada por uma sociedade patriarcal, pautada em leis que não atendem às necessidades das vítimas.

Além da personagem Clarice, que também é representada como a morte, existe outra personagem que passa pela mesma situação no conto. Ela é nomeada de Cristina, e assim como Clarice, Cristina foi estuprada aos 8 anos de idade, mas diferente da primeira personagem, Cristina não tem a vida interrompida depois de ser violentada, pelo contrário,

ela entra na vida adulta e só passa a questionar o que aconteceu com seus dezenove anos. Além disso, a personagem é acometida, como tentativa de fuga da realidade, por uma Síndrome conhecido como Estocolmo³, ou seja, a vítima passa a se envolver emocionalmente com o agressor, ela começa a ver a violência de forma delicada, com carinho e que o agressor só a violentou porque sentia sentimentos românticos por ela. Há, portanto, uma ressignificação do ato violento, em que o agressor deixa de ser visto como tal e passa a ocupar um lugar positivo na visão e na vida da vítima, que tampouco se vê como vítima.

Retratos de Carolina (2008), também escrito por Bojunga, conta a história de Carolina, uma personagem que teve uma trajetória marcada pela dificuldade: a personagem é violentada sexualmente, dessa violência engravida e sofre aborto, mas na concepção de Carolina, todas essas situações tristes não são vistas como negativas. A violência narrada em *Retratos de Carolina* (2008) é iniciada com ameaças, seguidas de agressão física e tem seu desfecho com a concretização do estupro:

[...] e aí ele foi tirando a minha roupa, e me abraçando, eu vi que ele estava superbebido e disse que não, tô cansada, eu quero dormir, me deixa em paz, ele disse que não, eu disse me deixa! e quando eu quis fugir dele, ele me pegou à força e aí a gente se engalfinhou pra valer, eu esperneava, eu dava pontapé, eu unhava, eu mordia, mas ele é grande, não é, pai? mesmo assim, com aquela porrada de uísque dentro dele, ele é forte, abriu minhas pernas na marra, e quando eu disse que ele estava me estuprando, ele achou até graça: perguntou se eu tinha esquecido que eu era casada com ele. (BOJUNGA, 2008, p. 124-125).

O agressor, seu esposo, trata o corpo de Carolina como objeto e quando ela diz: “perguntou se eu tinha esquecido que eu era casada com ele” (BOJUNGA, 2008, p. 124-125), podemos notar que ele acha que tem o direito de invadir o corpo dela por ser seu esposo, dessa forma, parece que ele tem posse do corpo da mulher, que ela não tem querer. Essa passagem nos faz questionar sobre todas as mulheres que são violentadas dentro da própria casa, pela pessoa que jurou amá-la e protegê-la, muitas dessas mulheres nem se dão conta de que foram estupradas, pois assim como o personagem masculino de *Retratos de Carolina* (2008), acham que é dever da esposa ceder seu corpo, mesmo quando não está querendo ter relações sexuais.

O estupro também aparece nas escritas de Conceição Evaristo, em *Insubmissa Lágrimas de Mulheres* (2011), no conto “Isaltina Campo Belo”, Conceição Evaristo aborda a dura realidade de uma mulher que não segue os padrões heteronormativos da sociedade. A

³ Síndrome de Estocolmo: a vítima de agressão, sequestro ou abuso desenvolve uma ligação sentimental ou empatia por seu apossador.

protagonista, negra e lésbica, foi vítima de estupro para “aprender” a se encaixar nos padrões da sociedade machista e heterossexual:

[...] nunca poderia imaginar o que me esperava. Ele e mais cinco homens, todos desconhecidos. Não bebo. Um guaraná me foi oferecido. Aceitei. Bastou. Cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão do meu corpo. Diziam, entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher [...] (EVARISTO, 2011, p. 64).

O estupro nesse caso aconteceu como forma de punição, portanto, porque a personagem não se encaixa dentro dos padrões exigidos pela sociedade, pois para muitos o papel da mulher ainda é a de submissão perante o homem. Destaca-se aqui um perverso caráter “educativo” na violência de gênero, muitas vezes, já que ela tem como objetivo “ensinar”, disciplinar, submeter a mulher aos papéis previstos e instituídos pela sociedade patriarcal. Isaltina passou pela violação do seu corpo, ainda teve uma gravidez indesejada, mas apesar dessa trajetória sofrida, encontrou seu eu e a felicidade no olhar de Miríades. É importante ressaltar que uma das características da escrita Conceição Evaristo é a desconstrução do sistema patriarcal, ela mostra uma luta persistente contra a diminuição da mulher na sociedade em suas escrituras.

Já o escritor Dalton Trevisan, no conto “Macho não ganha flor” (2007), assim como as escritoras mencionadas, também relata uma cena de estupro, no caso, uma tentativa de tal ação:

Pronto! Aquela mão suada me tapou a boca. E a outra afogava o pescoço. — Não grite! Nem um pio. Que eu te mato! Me empurrou contra a parede. Abriu com violência o roupão. — Oba! Ai de mim, apenas calcinha e sutiã. Daí ele começou a fazer coisas. Me beijou o rosto, o pescoço, um seio e outro. Ui, que nojo. Gemendo, se esfregava no meu corpo. Todo vestido. Só abriu o zíper da calça. — Faça tudo o que eu mandar. Bem quietinha. Sem aliviar a mão esquerda no meu pescoço. — Já matei uma. Não me custa apagar outra! (TREVISAN, 2007, s/n)

Neste trecho, podemos observar que o agressor está assumindo o poder sobre a mulher, deixando-a sem escapatória: “bem quietinha”, sob ameaça, pois ele afirma que já matou uma e que não custa apagar outra. Normalmente, nesse tipo de situação, a mulher mostra-se contra o ato, tenta se desvencilhar ou qualquer ação que mostre repúdio pelo agressor, mas no conto de Trevisan, a personagem toma outro caminho.

Trevisan, ao dar voz à protagonista, mostra uma personagem ambígua que, ironicamente, expressa-se tanto com expressões de prazer quanto de nojo: “oba”, “ai de mim”, “ui, que nojo”. Podemos notar o empoderamento da mulher, quando há a inversão das

posições, uma vez que, muitas vítimas reagiriam a uma tentativa de violência com o silêncio, o que não é o caso da protagonista deste conto, já que ela faz com que o agressor se desarme e não atinja seu objetivo, ou seja, não consegue realizar o estupro porque fica impotente:

Que desgraçado. Colheu a última peça. Macho não ganha flor. Se olhou demorado no espelho. Ainda surpreso e incrédulo, gaguejante. - Que porra. Isso nunca me aconteceu! (TREVISAN, 2007, s/n).

Neste trecho, é possível perceber que quando a vítima mostrou que não estava com medo, ou qualquer sentimento semelhante, o agressor não conseguiu concretizar a ação, pois se sentiu impotente diante de uma mulher que demonstrou querer ter interesse na relação. A partir disso, podemos concluir que o estupro não acontece por desejo sexual, mas sim apenas para demonstrar poder sobre a outra pessoa, mostrar para vítima seu lugar de submissão. O estupro não tem a ver com desejo, mas sim com violência de gênero.

A partir das análises feitas, podemos destacar que a violência de gênero é um tema recorrente na literatura, que a aborda como um mal que afeta muita pessoas, permitindo que, através das histórias narradas, seu público leitor, formado por mulheres e homens, possa enxergar a necessidade de discutir este assunto, de fazer com que pessoas entendam a importância de conhecer e falar sobre a violência de gênero, para combatê-la, garantindo uma vida digna para todos e todas em nossa sociedade.

3. Cultura do estupro: a violência de gênero disseminada e, muitas vezes, tolerada/justificada

O termo estupro tem origem latina “*Stuprum*”, que significa manter relações culpáveis. É crime e se caracteriza pela prática não consensual do sexo, imposta por violência ou ameaça de qualquer natureza. Qualquer forma de prática sexual sem consentimento, envolvendo ou não penetração, configura-se estupro. Segundo o Código Penal Brasileiro em seu artigo 213, estupro é caracterizado como constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso. Lei nº 12.015, de 2009, o crime de estupro tem reclusão de 6 meses a 10 anos.

De acordo com Denys Cuche em seu livro *A noção de cultura nas ciências sociais* (1999), explica que:

(...) A noção de cultura se revela então o instrumento adequado para acabar com as explicações naturalizantes dos comportamentos humanos. A natureza, no homem, é inteiramente interpretada pela

cultura. (p.10)

Com esse trecho, ele quis dizer que, como sociedade, temos que tomar muito cuidado ao naturalizar os nossos comportamentos, pois eles não são realmente “naturais”, e sim condicionados pela nossa cultura.

O termo “cultura do estupro” vem sendo utilizada desde 1970, época conhecida como segunda onda feminista, para apontar comportamentos sutis ou explícitos que silenciam ou relativizam a violência sexual contra a mulher. A palavra “cultura” no termo “cultura do estupro” reforça a ideia de que esses comportamentos não podem ser interpretados como normais ou naturais. Se é cultural, nós criamos. Se nós criamos, nós podemos mudá-los.

Segundo Débora Figueiredo (2004, p. 141), “o abuso sexual é uma arma usada pelo agressor para infligir à vítima uma camada extra de ofensa, dor e humilhação”. De acordo com Figueiredo, as mulheres que são estupradas, geralmente não são abusadas pelos seus agressores pelo “prazer sexual”, mas sim pelo fato do homem querer mostrar o lugar da mulher na sociedade, ou seja, se uma mulher está de roupas curtas, isso é motivo para o agressor atacá-la, pois não está comportando-se da forma correta perante sua posição em uma sociedade patriarcal, machista e misógina.

Grande parte do crime de estupro, ou qualquer outro crime contra a mulher, acontece no ambiente privado, ou seja, domiciliar, as vítimas são abusadas por pessoas próximas, dificultando assim, a denúncia por parte das vítimas. Segundo pesquisa publicada pela Folha de São Paulo⁴, em 26 de fevereiro de 2019, de 2017 a 2019, o percentual de mulheres que dizem ter sido agredidas por pessoas conhecidas como companheiro ou ex-companheiro, vizinhos e familiares aumentou de 61% para 76%. Os crimes ocorrem com mais frequência nas casas das vítimas (42%). Há casos que também ocorrem nos espaços públicos, ou seja, no trabalho, nas festas, universidades, na rua, em transportes públicos e entre outros.

Em 2013, o G1 publicou em seu site⁵, uma reportagem sobre uma mulher que foi estuprada dentro do ônibus no Rio de Janeiro, e como na maioria das vezes, percebi que durante a reportagem, não existe nenhum registro de que o estuprador foi punido pela violação do direito da mulher. Recentemente, em junho deste ano (2022), houve assédio⁶

4

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/02/maioria-das-mulheres-nao-denuncia-agressor-a-policia-ou-a-familia-indica-pesquisa.shtml>

5

<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/05/vitima-de-estupro-em-onibus-no-rio-fala-sobre-momento-s-de-terror.html>

6

<https://g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagos/noticia/2022/06/22/mulher-sofre-assedio-sexual-dentro-de-onibus-e-passageiro-expulsa-suspeito-do-coletivo-no-rj.ghtml>

sexual em um transporte público, também no estado do Rio de Janeiro, neste caso específico, a vítima teve o amparo de uma dos passageiros que tentou ajudá-la e expulsou o assediador do ônibus, mas a jovem de 25 anos relata que os outros passageiros agiram como se nada tivesse acontecido, inclusive, é assim que o país age perante tal situação.

É por esse tipo de negligência que muitas mulheres se calam, muitas são expostas quando vão à delegacia, pois os policiais fazem perguntas que culpabilizam as vítimas, além da vítima passar por esse tipo de situação, tem que justificar a sua roupa, o horário que saiu de determinado lugar, entre outras perguntas sem relevância para a denúncia.

Em 2017 os estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina e Rondônia tiveram os maiores índices de estupros por cem mil habitantes. Nesses estados os números de estupros denunciados a cada ano é extremamente grande comparado ao ano anterior, deixando claro que os métodos escolhidos pela justiça brasileira não estão sendo eficazes para a população.

4. Clarice Lispector: um pouco da vida e um pouco mais da obra

Provavelmente a data de nascimento de Clarice Lispector é no dia 10 de dezembro de 1920, segundo a biografia de Nádia Battella Gotlib, intitulada *Clarice, uma vida que se conta* (1995).

Clarice Lispector é ucraniana, mas naturalizou-se brasileira, devido a sua mudança com dois anos de idade para o Brasil, para o estado de Alagoas, em 1922, com seus pais e suas duas irmãs. Pouco tempo depois, no ano de 1924 mudou-se para Recife, onde viveu toda sua infância e parte da sua adolescência. Estudou no Grupo Escolar João Barbalho, onde aprendeu a ler e começou o ginásio no Ginásio Pernambucano. Em 1935 fez mais uma mudança de estado, foi morar no Rio de Janeiro e foi nesse mesmo estado que sua mãe faleceu. Matriculou-se no Colégio Sílvio Leite e posteriormente cursou a Faculdade de Direito.

Em 1939, Clarice Lispector começou a trabalhar como redatora na Agência Nacional e como tradutora e jornalista no jornal A Noite. No ano de 1943, Clarice já estava formada, e casou-se com o diplomata Maury Gurgel Valente. Por causa da carreira do diplomata, Clarice morou em muitos países. Em 1952, foi para Washington (EUA), onde viveu com seus dois filhos, Pedro e Paulo Gurgel Valente. Em 1959, separou-se do marido e retornou definitivamente para o Brasil, mas apenas um dos filhos veio com ela, o outro permaneceu com o pai no exterior, que construiu uma nova família.

Sobre alguns autores, é possível afirmar que sua biografia é mais interessante que suas

obras literárias, o mesmo não pode ser dito a Clarice Lispector, sua biografia pode até ser singular, sem muitas extravagâncias, mas suas obras passam longe de cair no senso comum. A escrita de Clarice Lispector, apresenta aspectos tão únicos que as leituras e releituras ainda não são suficientes para desvendar as entrelinhas de suas obras. Os textos clariceanos provocam novas reflexões e a grande sensação de que ainda tem muito para ser descoberto.

Clarice escreveu diversas obras de ficção e não ficção. Na ficção, escreveu depois da estreia de *Perto do coração selvagem* (1943), mais oito romances, o último *Um sopro de vida* (1978), postumamente, após ser publicado, seu romance mais famoso, *A hora da estrela* (1977). Entre 1967 e 1974, Clarice escreveu literatura infantil, destacando-se sua obra *A vida íntima de Laura* (1974), que narra a história de uma galinha. A publicação dos seus contos iniciou-se em 1953, com *Alguns contos*, porém o sucesso com o gênero só ocorreu quando houve a publicação de *Laços de família* (1960). O ciclo de contos chegou ao fim com a obra *A via crucis do corpo* (1974).

Durante seu tempo trabalhando na imprensa, Clarice atuou como repórter, colunista e tradutora. Em 1952, enquanto trabalhava no jornal *O comício*, ela manteve uma coluna chamada “Entre Mulheres” por algum tempo, no jornal *Correio da manhã*, sua coluna chamava-se “Correio feminino: feira de utilidades”, manteve uma coluna semana do Jornal do Brasil, mas foi despedida por ser judia, na revista *Manchete*, sob direção de Fernando Sabino, ela apresentava entrevistas com o título de “Diálogos possíveis com Clarice Lispector”. Essas funções todas não esgotam a atividade profissional da escritora (GOTLIB, 2009).

Clarice tinha um estilo literário inconfundível, que está presente em todas as suas obras. Além de uma linguagem que aproxima a prosa da poesia, ela traz outro aspecto inovador para suas obras, traz a visão de mundo. Os romancistas brasileiros daquela época, estavam voltados para a literatura regionalista, já Clarice, busca mostrar nos seus textos, as angústias do ser humano e seus questionamentos existenciais.

Em suas narrativas, o tempo, o enredo, o espaço e os personagens, ganham novos significados: O tempo e o espaço, tem pouca influência sobre o comportamento das personagens; o tempo é psicológico e o espaço é quase acidental e assim como o tempo, o enredo é quase sempre psicológico.

É impossível ficar indiferente diante das obras de Clarice, a linguagem abordada por ela no mínimo causa incômodo e estranheza ao leitor. É como se os textos chamassem o leitor para desvendar, buscar explicações que parecem escondidas e quando descobertas, o resultado fosse conhecer um pouco mais do ser humano, seja ela boa ou ruim.

No ano de 1967, por causa de um incêndio na casa de Clarice, causado por um cigarro,

ela passou por cirurgia plástica, porém continuou a escrever, ela recusava qualquer tipo de convites e/ou homenagens, recolhendo-se na sua casa. Clarice morreu de câncer, no dia 9 de dezembro de 1977, um dia antes de seu aniversário de 57 anos de idade.

5. A narrativa breve: quem conta um conto ganha quantos pontos?

O conto é uma narrativa de difícil definição, pois assume diversas formas, em sua longa história, que vai da circulação oral até os dias de hoje. No entanto, todos os teóricos concordam que um dos seus traços mais constantes é a sua extensão, trata-se, portanto de uma breve escrita, quase sempre, em prosa, sendo mais curta que o romance e a novela. É também um gênero muito antigo, cuja origem remonta às formas orais de circulação da literatura, muito antes de a humanidade criar a escrita. Está, portanto, em nossa história há muito tempo e faz parte do nosso cotidiano. Como texto narrativo, ele envolve enredo, personagens, tempo e espaço. A palavra conto é definida por três concepções: 1. relato de um acontecimento; 2. narração oral ou escrita de um acontecimento falso; 3. fábula que se conta às crianças para diverti-las.

As três definições defendidas por Júlio Casares, citado no livro da Nádia Battella Gotlib *Teoria do Conto* (1985), têm em comum o fato de narrar algo, ou seja, contar por meio oral ou escrito algum acontecimento para alguém.

A origem do conto está ligada à transmissão oral dos fatos, no ato de contar histórias, que antecede a escrita e nos remete a tempos remotos. O ato de narrar um acontecimento oral evoluiu para o registro escrito desta narrativa. E o narrador também evoluiu de um simples contador de histórias para a figura de um narrador preocupado com aspectos criativos e estéticos.

É no início da Idade Moderna que o conto se consolida como literatura. Três livros são considerados precursores do gênero: *As Mil e Uma Noites*, *Canterbury Tales*, de Chaucer e *O Decamerão*, de Giovanni Boccaccio. Estes títulos apareceram no Ocidente no século XIV e disseminaram-se pelo mundo nos séculos XIV e XVIII.

Um momento de grande desenvolvimento do conto foi no século XIX, devido à acentuada expansão da imprensa que permitiu a publicação dos textos. Algumas características comuns acabaram por agrupar as várias formas de narrar e isso aproximou o conto de um gênero literário. Este novo gênero foi identificado pela primeira vez nos EUA, por volta de 1880, designado Short Story.

Posteriormente, o conto evoluiu de sua forma tradicional, na qual a ação e conflito

passam pelo desenvolvimento até o desfecho, com crise e resolução final, para as formas modernas de narrar, na qual a estrutura se fragmenta e subverte este esquema. Edgar Allan Poe, Guy de Maupassant e Anton Tchekóv, são alguns dos contistas clássicos que mais influenciaram as formas modernas do conto.

Em *Teoria do conto* (1985) de Gotlib, a autora diz:

A esta altura, não importa averiguar se há verdade ou falsidade: o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo. Há, naturalmente, graus de proximidade ou afastamento do real. Há textos que têm intenção de registrar com mais fidelidade a realidade nossa. (GOTLIB, p. 8)

O conto não necessariamente vai registrar algo do nosso cotidiano, mas isso não quer dizer que não haja escritores que busquem uma verossimilhança com a realidade, ou seja, cabe ao escritor decidir o critério que melhor se aproxima do que ele quer e como ele quer criar em seus textos ficcionais.

O/a contista parece nunca perder o controle do conto, pois o próprio conto parece se apropriar do leitor através da sua narrativa forte, impetuosa e palpitante, no entanto, há muitas e muitas formas de elaboração do conto, em que sempre e de novo somos convidados a refletir sobre suas contínuas transformações. Diante disso, o conto clariceano é sempre um desafio a nossa compreensão e um convite a ressignificarmos a definição de conto, a pensarmos em sua relação com a tradição na qual se inscreve e nas possibilidades de narrar a partir de uma perspectiva de uma autora mulher muito inventiva e questionadora.

6. O corpo e sua via-crucis

A via crucis do corpo, é uma coletânea de contos de Clarice Lispector, publicado pela primeira vez em 1974, a origem do título vem do Latim “via-crúcis”, é um substantivo feminino totalmente ligado a religião, especialmente ao Cristianismo, já que, tem um significado representativo dos 14 quadros que ilustram a caminhada de Jesus carregando a cruz, simboliza o sofrimento das horas que antecederam seu julgamento. Além de ter o significado religioso, há também o significado no sentido figurado, que assim como o religioso detém-se a dor, grandes provações, conjuntos de terríveis experiências e vida dolorosa.

A via crucis do corpo (1974) foi altamente criticada, comparada às outras obras de Clarice Lispector, a autora traz na sua explicação, o seguinte trecho: “Uma pessoa leu meus contos e disse que aquilo não era literatura, era lixo. Concordo. Mas há hora para tudo. Há

também a hora do lixo. Este livro é um pouco triste porque eu descobri, como criança boba, que este é um mundo cão” (LISPECTOR, 1998, p. 7).

De acordo com Lispector, ainda, o livro é um pouco triste, porque foi a partir dele que ela visualizou o mundo da forma como realmente é, viu a realidade que a rodeava, e todas as suas maldades. Mas apesar da crítica forte, ela não discorda do que dizem, mas como a própria autora diz: “Mas há hora para tudo”, e aquele era o momento exato para falar sobre esse assunto.

Clarice Lispector ainda na sua explicação pela qual escreveu os 13 contos que compõem o livro, diz ela que, seu editor Álvaro Pacheco encomendou-a três histórias que realmente aconteceram, ela já tinha os fatos, faltava-lhe a imaginação. Apesar da falta de imaginação, as histórias encomendadas traziam um assunto perigoso, o erotismo que Lispector já tratava em outras obras, mas de forma diferente, sendo assim, cedeu e escreveu as histórias.

Ainda na sua explicação, a autora descreve seu espanto depois de ver as histórias prontas:

Eu mesma espantada. Todas as histórias deste livro são contundentes. E quem mais sofreu fui eu mesma. Fiquei chocada com a realidade. Se há indecências nas histórias a culpa não é minha. Inútil dizer que não aconteceram comigo, com minha família e com meus amigos. Como é que sei? Sabendo. Artistas sabem de coisas. Quero apenas avisar que não escrevo por dinheiro e sim por impulso. Vão me jogar pedras. Pouco importa. Não sou de brincadeiras, sou mulher séria. Além do mais tratava-se de um desafio. (LISPECTOR, 1998, p. 7).

É nesse mesmo trecho que podemos notar que a autora mostra sua refinada autoironia, pode-se pressagiar o que revela a obra, centralizada no corpo como um elo entre a realidade duramente deflagrada e a ficção, tão misturáveis. Entretanto, a discussão entre realidade e ficção está longe de ser linear, Lispector traz questões de autoria e dialogismo, como os discutidos do filólogo Mikhail Bakhtin.

A partir da obra de Bakhtin (1992), surgem questões como: o “meu” discurso é realmente meu ou é de outro alguém? A palavra é minha ou é do outro? E em qual medida o meu discurso não se mistura com o discurso de outros, formando assim, a polifonia de vozes numa ficção aproximada do real? Essas questões são apresentadas nas obras de ficção de Lispector, e não deixaria de ser diferente na coletânea de seus contos. Podemos notar como as vozes são mescladas, e, a partir disso, não conseguimos distinguir se foi a autora que diz ou se foi o seu confidente, o homem que contou-lhe sua simples história de vida, ou seja, aquele homem sem nome que Clarice apresenta na sua explicação.

A via crucis do corpo (1974) é constituída por 13 contos, dos 13 contos 9 são escritos em 3ª pessoa do singular e os 4 contos que sobram, são escritos em 1ª pessoa do singular. Os contos que compõem o livro são, respectivamente: “Miss Algrave, O corpo, Via crucis, O homem que apareceu, Ele me bebeu, Por enquanto, Dias após dias, Ruídos de passos, Antes do Rio-Niterói, Praça Mauá, A língua do “P”, Melhor do que arder e Mas vai chover”.

Nos contos, Clarice Lispector trata de vários temas considerados polêmicos, tais quais: sedução, adultério, homossexualidade, bissexualidade, o desejo sexual de mulheres de meia-idade, de mulheres solteiras, de uma viúva de 81 anos, de uma freira e de um padre. Há enredos que envolvem crimes sexuais (estupro e assassinato motivado por ciúmes) e o mercado do sexo (a prostituição, o caso da mulher que sustenta o amante jovem). Essas histórias vão contra a autoridade masculina, aniquilando o machismo que, por séculos, reprimiu a sexualidade das mulheres.

As histórias não seguem a mesma extensão, elas passam por variações, o máximo de páginas escritas foram 6, que são nos contos “Miss Algrave e O corpo”, apenas o conto “O homem que apareceu” têm 4 páginas, os contos “Por enquanto, Ruído de passos e Melhor do que arder” têm 2 páginas, já os contos “Ele me bebe, Dia após dia, Antes da ponte Rio-Niterói, Praça Mauá, A língua do “P” e Mas vai chover”, são compostos por 3 páginas escritas.

Todas as personagens principais dos 13 contos de Clarice Lispector, são femininas, como exemplo, no conto “Miss algrave”, uma moça solitária e virgem redescobre-se ao fazer sexo com um ser vindo de outro planeta, no conto “Ruído de Passos”, encontramos a sra. Cândida Raposo que com seus 81 anos procura um médico por ainda padecer do “desejo de prazer” e para finalizar o momento de exemplificação, encontramos no conto “Mas vai chover”, a sra. Maria Angélica de Andrade, de 70 anos, para escândalo da sociedade em que vive, resolve tomar por amante Alexandre, um jovem de 19 anos.

A maior parte dos desfechos dos contos acontecem em um local fechado, como podemos ver nos contos, “O corpo”, que ocorre na casa dos personagens Carmen, Beatriz e Xavier e o conto *Mas vai chover*, que também se passa no local privado, na casa da Maria Angélica, mas há também os contos que ocorrem em locais públicos, como “A Língua do “P”, que se passa em um vagão de trem, o conto “Ele me bebeu” que na maior parte da narrativa, passa-se em lugares públicos, em frente ao Palace Hotel, em um estabelecimento chamado Number One, que possivelmente se assemelha a um bar e também a um restaurante e por fim, o conto “Praça Mauá” que também se passa num local público, um cabaré, estabelecimento que a personagem protagonista Luísa/Carla trabalha com seu amigo

Celsinho.

Todos os contos escritos por Clarice Lispector nessa coletânea, têm como personagens protagonistas mulheres e como coadjuvantes homens, e em todo o livro as personagens femininas passam por algum tipo de violência, sejam elas físicas, sexuais ou psicológicas.

A autora explora bem o tema violência contra mulher e podemos vê-lo explicitamente em toda a obra, pegarei para exemplificação o conto “Praça Mauá”, que narra as noites de trabalho de Luísa/Carla, uma dançarina e, às vezes, acompanhante de homens, no cabaré também trabalhava Celsinho, seu amigo e confidente. Numa noite de sábado Luísa/Carla estava fazendo suas confidências ao amigo e logo depois foi chamada para dançar para um homem que Celsinho desejava, depois da dança Luísa/Carla volta a sentar-se ao lado do amigo e comenta sobre o homem:

– É tão bom dançar com um homem de verdade. Celsinho pulou: – Mas você não é mulher de verdade! – Eu? como é que não sou? espantou-se a moça que nesta noite estava vestida de preto, um vestido longo e de mangas compridas, parecia uma freira. Fazia isso de propósito para excitar os homens que queriam mulher pura. – Você, vociferou Celsinho, não é mulher coisa alguma! Nem ao menos sabe estalar um ovo! E eu sei! eu sei! eu sei! (LISPECTOR, 1998, p. 43).

Ao falar que Luísa/Carla não era mulher porque não sabia estalar um ovo, podemos ver a fala de um homem machista, seguidor do patriarcado, que coloca os homens acima das mulheres em todos os ambientes, domiciliar, político, legislativo entre outros, e mais ainda: uma fala que associa a mulher às tarefas domésticas, como cozinhar.

A partir do relato da autora sobre a violência de gênero nos seus contos, é possível dizer que, ela de alguma forma vivenciou essa violência de perto, ou alguém próximo a ela passou por isso, como ela traz na sua explicação: “Se há indecências nas histórias a culpa não é minha. Inútil dizer que não aconteceram comigo, com minha família e com meus amigos. Como é que sei? Sabendo. Artistas sabem de coisas” (LISPECTOR, 1998, p. 7).

Clarice Lispector a partir da sua vivência como mulher, elabora seus contos dialogando com o que muitas mulheres do seu tempo vivenciaram, violências e abusos, que ainda acontecem com a mesma ou maior frequência, hoje. Percebemos que Lispector escreveu seus contos voltados ao seu tempo, ou seja, para a sociedade de 1974, devido aos temas que ela aborda e que naquela época eram vistos como polêmicos na sociedade, esse seria um dos motivos por sua obra não ter sido tão bem aceita pela crítica, por relatar assuntos que a sociedade não estava “pronta” para encarar.

Todos os contos deste livro apresentam finais infelizes, com as personagens femininas

passando por algum tipo de violência, seja ela física, sexual, patrimonial, moral ou psicológica, todas elas saem prejudicadas no final.

No conto "Miss algrave", a autora narra a violência sexual, a Sincerely Ruth Algrave, protagonista do conto, é uma moça virgem que é violentada sexualmente por um ser divino chamado Ixtlan, a partir disso a vida da protagonista mudou da água para o vinho, ela tornou-se sexualmente ativa e não consegue controlar mais seus desejos sexuais, começa a ter relação sexual com um homem desconhecido, pediu demissão do trabalho, e até paquerou seu ex patrão.

Os outros contos deste volume também seguem com os finais infelizes, retomando assim a fala de Clarice na sua explicação, ela diz que quem mais sofreu com a escrita dos contos, foi a própria e que ficou estarecida com a realidade.

7. Conto e violência de gênero: o que pode essa língua do P?

“A Língua do “P” é o décimo primeiro conto da coletânea *A via crucis do corpo* (1974) de Clarice Lispector, composto por três páginas que narra a viagem de trem de Maria Aparecida, carinhosamente chamada em casa por Cidinha, uma professora de inglês, residente de Minas Gerais, que decide aperfeiçoar os estudos em língua inglesa nos Estados Unidos, para isso, seu plano inicial era pegar o trem para o Rio de Janeiro e depois de três dias, pegar voo para Nova Iorque.

O conto é na terceira pessoa do singular e é narrado, em sua maior parte, no vagão de trem que está destinado ao Rio de Janeiro, o tempo estabelecido pela narração é cronológico, ou seja, as situações são marcadas pelo calendário, ocorre uma passagem natural do tempo, no trecho a seguir, podemos notar essa passagem do tempo: “Tomou o trem das sete horas para o Rio. Frio que fazia. Ela com casaco de camurça e três maletas. O vagão estava vazio, só uma velhinha dormindo num canto sob o seu xale” (LISPECTOR, 1974, p. 44). “Tomou o trem das sete horas para o Rio” dar-nos a entender que a narrativa segue o tempo da passagem natural, a hora descrita no conto estabelece essa confirmação.

Como já dito antes, a maior parte do conto é narrado no vagão de trem, no qual quando há a personagem Cidinha e uma senhora que dorme tranquilamente no canto, logo depois, na próxima estação, entram dois homens e, a partir desse acontecimento, vem o momento de pânico da personagem, depois a narração se passa na cadeia, onde Cidinha ficou por três dias presa, por comportar-se como uma “prostituta”, e por fim, ela aparece nas ruas do Rio de Janeiro.

Todos os lugares apresentados no conto são públicos e em todos eles a personagem principal do conto não se sente protegida, e isso se dá exclusivamente por ser uma mulher, se sente indefesa no vagão de trem e rotulada, mais uma vez, agredida, agora, pela acusação de prostituição, na cadeia. Clarice Lispector traz na personagem a insegurança de ser mulher numa sociedade patriarcal.

Maria Aparecida, mais conhecida como Cidinha, é a personagem protagonista do conto “A Língua do “P”, a autora a descreve nos primeiros parágrafos do conto como uma mulher nem rica e nem pobre, pertencente a classe mediana da sociedade, mas pelo modo de vestir-se parece ter muito dinheiro, é uma professora de língua inglesa, independente, estudiosa e que tem ambições na vida, que busca seu crescimento profissional e pessoal através do desejo de aperfeiçoamento dos estudos na língua inglesa em outro país. Uma professora afetuosa, muito competente, e procurada pela sua forma de ensino, e ainda virgem, que não se conhecia sexualmente, uma moça inocente, mas que conhecia os perigos de ser mulher na sociedade patriarcal que residia.

O conto apresenta mais alguns personagens secundários: uma senhora que dormia no vagão do trem e dois homens, o primeiro é descrito como um homem alto, magro, de bigode e com o olhar frio, já o outro homem era baixo, barrigudo e careca. Com o passar da narrativa, aparecem mais quatro personagens, o bilheteiro, o maquinista, o soldado que se chama José Lindalvo, um homem extremamente bruto e por fim, a moça que foi currada e morta pelos dois homens já apresentados.

Se observarmos os personagens masculinos, notamos que todos eles são machistas e violentos, homens que determinam que as mulheres têm o papel de inferioridade perante eles.

Havia um mal-estar no vagão. Como se fizesse calor demais. A moça inquieta. Os homens em alerta. Meu Deus, pensou a moça, o que é que eles querem de mim? Não tinha resposta. E ainda por cima era virgem. Por que, mas por que pensara na própria virgindade? (LISPECTOR, 1998, p. 44)

No trecho acima, podemos notar que a personagem protagonista do conto, Cidinha, se sente mal com a presença dos dois homens no mesmo vagão de trem, e rapidamente ela pensa na sua virgindade, e isso acontece porque a personagem não se sente segura o suficiente para não pensar que aqueles homens não fariam mal a ela, ou seja, ela sabia que algo ia acontecer por simplesmente ser uma mulher desacompanhada. Desde a entrada deles, portanto, instaura-se a insegurança da personagem, o mal-estar, o que não havia ocorrido quando ela estava em presença da mulher mais velha apenas. Há, portanto, uma nítida marcação no

desenvolvimento da trama, que opõe as relações entre personagens do mesmo gênero (mulheres) e entre personagens de gêneros distintos (homens e mulheres).

Aqui temos outro trecho do conto que nos mostra mais passagens do tratamento dos homens perante Cidinha:

Apareceu o bilheteiro. Viu tudo. Não disse nada. Mas foi ao maquinista e contou. Este disse: – Vamos dar um jeito, vou entregar ela pra polícia na primeira estação. E a próxima estação veio. (LISPECTOR, 1998, p. 45)

Nesse trecho, Cidinha já tinha entendido a real intenção dos dois homens do vagão de trem, e para tentar não ser currada, começou a fazer trejeitos sensuais, para parecer uma prostituta, e assim os homens perderem o interesse na moça. Enquanto Cidinha tentava parecer-se com uma prostituta fisicamente, o bilheteiro do trem viu sua performance, e foi dizer ao maquinista sobre o que se passava no vagão, o maquinista não pensou duas vezes e na próxima estação chamou um soldado para prendê-la, por apenas ser uma mulher que supostamente deita-se com homens por dinheiro.

Para fim das ilustrações das ações dos homens para Cidinha no conto, vejamos esse trecho:

José Lindalvo não era de brincadeira. Subiu no vagão, viu Cidinha, agarrou-a com brutalidade pelo braço, segurou como pôde as três maletas, e ambos desceram. (LISPECTOR, 1998, p. 45)

O personagem José Lindalvo é o soldado que leva Cidinha para fora do vagão, um homem que usa da brutalidade para prendê-la, podemos observar que além de usar da força contra uma mulher, ele também usa do seu cargo de soldado para demonstrar poder.

Cabe salientar que, uma mulher não tem força física suficiente contra um homem, e a partir disso, não era necessário o soldado usar da brutalidade para tirar a moça do vagão de trem, mas fez da brutalidade um método para constranger e denegrir a imagem da professora.

Com a lida do conto, é possível dizer que José Lindalvo usa do cargo de soldado para exercer controle sobre a personagem Cidinha, ou seja, ele abusa do cargo exercido para “por Cidinha no seu devido lugar, por comportar-se como uma mulher sem honra”, então, o personagem José Lindalvo a humilha perante todos que estavam no vagão e na estação de trem.

Nos trechos selecionados, podemos ver que há três tipos de violência contra mulher. No primeiro trecho, Clarice Lispector trata da violência sexual, em que podemos ver como Cidinha e/ou qualquer outra mulher sente-se em constante perigo, em todos os lugares, por apenas ser uma mulher. No segundo trecho ela traz a difamação da personagem Cidinha por

meio do bilheteiro e do maquinista, que apesar de não saberem o que estava acontecendo no vagão de trem, foram rápidos em julgar a mulher como a errada. Já no último trecho, é apresentado-nos a violência física, que o soldado José Lindalvo despeja sobre Cidinha, sem necessidade, já que a protagonista não tem força física contra um homem.

Todas essas violências estão previstas judicialmente pelo direito brasileiro, no Código Penal (CP) e submetidas a sanções, como penas de reclusão e multas. A violência sexual está prevista no Art. 216-A. Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função. A pena é de 1 a 2 anos. A difamação está prevista no Art. 139. É o ato de desonrar alguém disseminando informações inverídicas. A pena é de 3 meses a 1 ano de prisão, e multa. Já a violência física, está prevista no Art. 129. Ofender a integridade corporal ou a saúde de outrem. A pena é de 3 meses a 1 ano.

No conto aparece a palavra currada, que é uma denominação popular para uma modalidade de crime sexual na qual dois ou mais agentes abusam sexualmente de um outro indivíduo. A personagem Cidinha só não foi abusada sexualmente, porque conseguiu decodificar a língua utilizada pelos homens que embarcaram no vagão de trem, que por sorte Cidinha conhecia bem, pois quando era criança era através da língua do P que ela se comunicava com os amigos.

Saber a língua do P, foi a salvação de Cidinha no conto, mas o mesmo não aconteceu com a outra personagem feminina que entrou no mesmo vagão em que estavam os dois homens, ela não teve a mesma sorte e foi currada e morta. Nesse caso, temos não apenas a violência sexual, mas também o feminicídio.

A violência sexual seguida de feminicídio é algo que acontece bastante na nossa sociedade, muitas das vítimas não conseguem sair vivas para sequer denunciar seus agressores, causando assim, não só o medo de ser violentada, mas também a possibilidade de não ter mais a vida.

Vejo no conto que, a língua do P pode ser comparada com uma forma de prevenção, e como qualquer outra maneira de prevenção, ela não é acessível a todas, logo que, se uma mulher não tem o conhecimento da língua do P, ela pode tornar-se a próxima vítima, como aconteceu com a outra personagem feminina do conto.

Como possibilidade de reflexão ética acerca desse desfecho, podemos aventar a hipótese que esse conto inscreve-se em uma perspectiva a partir da qual a autora, ao abordar a violência de gênero e formas de se proteger dele, parece indicar que as mulheres -

principalmente - e todos os outros leitores dos seus contos, estão expostas à grande violência e, por isso, a nossa sociedade precisa de formas mais eficazes para proteger as mulheres de tantos maus tratos, formas essas que sejam de fato consistentes e que realmente o intuito seja a segurança para todas.

O conto “A Língua do “P”, de Clarice Lispector, nos faz ter várias reflexões sobre como é a vida de uma mulher numa sociedade tão desigual, além de trazer a crítica social ao patriarcado e ao machismo implantado na sociedade, e as consequências dessas atitudes para as mulheres que, como sabemos, são as maiores vítimas desse sistema.

No conto analisado, a autora traz evidências negativas das ações dos homens para com as mulheres, ações essas que causam danos terríveis ao sexo feminino e que apesar disso, na maioria das vezes, esses homens saem como inocentes e as vítimas como culpadas.

Durante a narrativa em nenhum momento é descrito o que houve com os dois homens causadores do estupro e da morte da moça que subiu no vagão, logo após a descida obrigada da personagem Cidinha, ou se o soldado José Lindalvo, teve alguma punição pela sua atitude contra uma mulher indefesa, ou se o que foi dito pelo maquinista e o bilheteiro sobre a integridade de Cidinha foi em algum momento questionada, nada dessas questões foram abordadas no conto, simplesmente porque são homens fazendo o ato, e isso já é o bastante para não ser questionado.

Os estupradores saíram ilesos, já as vítimas com muitos danos, Cidinha saiu viva por causa do conhecimento da língua do P, mas a outra personagem não teve a mesma sorte, assim como muitas mulheres também não. Podemos notar que há uma crítica à justiça brasileira, pois ela não cumpre de maneira eficiente o que está presente nas leis do país.

Apesar disso, Clarice Lispector sabia que tratar de assuntos como o estupro e tantos outros crimes contra as mulheres numa sociedade patriarcal, resultaria nas diversas críticas pelo público e isso é claro na parte da explicação do seu livro, e mesmo no começo da criação dos três contos encomendados, - “Miss Algrave”, “O Corpo” e “Via Crucis” - Clarice propôs ao seu editor Álvaro Pacheco, escrever através de um pseudônimo masculino denominado Cláudio Lemos, o editor não aceitou, então ela encarou esse conflito, além de ser um grande desafio, era também a maneira que tinha para mostrar seu olhar como mulher naquele ambiente machista, que infelizmente ainda é predominante nos dias atuais.

O conto de Clarice Lispector aqui analisado pode ser lido não somente como uma crítica à justiça brasileira, ao machismo e ao patriarcado, mas também como uma espécie de um alerta a todos os leitores, inclusive os do sexo feminino, sobre as diversas maneiras como as mulheres são tratadas em casa ou na rua, as diversas formas de violências que existem e

são praticadas contra as mulheres, e por fim, ela também nos mostra através do conto “A Língua do “P”, as consequências de falta de política e segurança numa sociedade que a população feminina é maior que a masculina, e que mesmo assim, ainda continuam sendo as principais vítimas.

8. Algumas considerações finais

A violência de gênero é um fenômeno absurdamente terrível, e, apesar de todas as lutas das mulheres feministas, há muito o que melhorar, transformar, coibir. Clarice Lispector traz na sua coletânea de contos *A via-crucis do corpo*, “A Língua do “P”, um conto no qual a violência de gênero ocupa um lugar central e pode nos levar a refletir sobre a triste e cruel realidade presente na ficção e também na vida real.

Vale salientar que todo tipo de violência é crime, e que sabendo disso e dos grandes índices de violência de gênero, cabe aos governantes tomarem decisões que diminuam com esses maus tratos e que corresponda com a realidade das pessoas que passam por essas violências.

Clarice Lispector, em suas obras, apresenta as angústias da humanidade, ela consegue através desse conto, mostrar as angústias de Cidinha, que sofre na pele por ser uma mulher. A autora aproxima o leitor da realidade transcrita no conto de uma forma extremamente cuidadosa, fazendo com que o leitor, também sinta o que a personagem principal sente, o medo.

Clarice nos faz refletir sobre o que é ser mulher numa sociedade dominada por homens, e isso, claro que não é bem visto pela sociedade, mas apesar disso, *A via crucis do corpo* (1974), foi uma forma grandiosa de por meio de contos, as pessoas saberem o que acontece por trás dos sorrisos estampados nos rostos de muitas mulheres.

Todos os contos dessa coletânea, trata de um tipo de violência diferente contra mulher, assunto que é de extrema importância para o campo da pesquisa nas universidades, tornando assim, os estudos sobre gênero mais explorado nos cursos, não esquecendo que há também a pretensão de mostrar que o sistema patriarcal que continua tão atuante, e que isso já passou da hora de mudar. Se a literatura não tem o poder de alterar a realidade, ao menos tem um espaço de significativa reflexão, a partir da qual leitoras e leitores podem se confrontar com temas e perspectivas de transformação da suas vidas, na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

9. Referências

AZEVEDO, M. A. **Mulheres espancadas: a violência denunciada**. Rio de Janeiro: Cortez (1985).

ARAÚJO, M. F. **Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação**. Psicol. Am. Lat., México, n. 14, out. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000300012&lng=pt&nrm=iso> acesso em: 24 jan. 2022.

BAKHTIN, M. V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. (Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, Trad.). São Paulo: Hucitec (1992).

Brasil registra 164 casos de estupro por dia em 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/08/10/brasil-registra-164-casos-de-estupro-por-dia-em-2017.ghtml>>. Acesso em 21 de Jan. de 2022.

BOJUNGA, L. **O abraço**. 5. ed. Capa e vinhetas de Rubem Grilo. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2005.

BOJUNGA, L. **Retratos de Carolina**. 4ª reimpr. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2008.
CAMPOS, A. A. **A cultura do estupro como estudo perverso de controle nas sociedades patriarcais**. Revista Espaço Acadêmico, nº 183 (2016).

Código Penal Brasileiro. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm>. Acesso em: 02 de jan. de 2022.

CORTÁZAR, J. Alguns aspectos do conto. In: **Valise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, p. 147-163, (2006).

CORTÁZAR, J. Do conto breve e seus arredores. In: **Valise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, p. 227-237, (2006).

CUCHE, D. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. EDUSC, Bauru-SP, (1999).
EVARISTO, C. Isaltina Campo Belo. In: _____ Insubmissas lágrimas de mulheres. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

FIGUEIREDO, D. C. **Discurso, gênero e violência: uma análise de representações públicas do crime de estupro, Linguagem e Direito**. Santa Catarina, vol. 1, p. 141-158, (2014).

GROSSI, M.P. **Rimando Amor e Dor: reflexões sobre violência no vínculo afetivo-Conjugal**. Em Pedro, J.M. & Grossi, M.P. (orgs.) Masculino, Feminino, Plural. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres (1998).

GOTLIB, N. B. **Clarice, uma vida que se conta**. São Paulo: Ática, (1995).

GOTLIB, N. B. **Teoria do conto**. Ática, (1985).

LISPECTOR, C. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco (1998).

Maioria das mulheres não denuncia agressor à polícia ou à família, Indica pesquisa, Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/02/maioria-das-mulheres-nao-denuncia-agressor-a-policia-ou-a-familia-indica-pesquisa.shtml>>. Acesso em: 21 de Jan. de 2022.

OPAS/OMS Brasil. Disponível em:

<https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820>. Acesso em: 26 de dez. de 2021.

Recanto das Letras. Disponível em:

<<https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/383103>>. Acesso em: 12 de Maio. de 2022.

SAFFIOTI, H. **Gênero patriarcado violência**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Perseu Abramo, (2015).

SAFFIOTI, H.I.B. e ALMEIDA, S.S. **Violência de gênero: poder e impotência**. Rio de Janeiro: Revinter (1995).

SANTOS, B. R.; BUSSINGUER, A.C. E. **A cultura do estupro e o poder disciplinar nos corpos femininos na perspectiva Foucaultiana**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

SARDENBERG, Cecília M. B. **Estudos Feministas: um esboço crítico**. In: Célia Gurgel (org.), Teoria e Práxis dos Enfoques de Gênero. Salvador: REDOR-NEGIF, 2004, pp. 17- 40

SEGATO, R. L. **Las estructuras elementares de la violencia: ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos**. 2ª ed. Buenos Aires: Prometo Libros, 2010.

SQUINCA, F.; DINIZ, D.; BRAGA, K. **Violência sexual contra a mulher: um desafio para o ensino e a pesquisa no Brasil**. Bioética, vol. 12, nº 2 (2004).

TREVISAN, D. **Macho não ganha flor**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

Vítima de estupro em ônibus no Rio fala sobre momentos de terror. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/05/vitima-de-estupro-em-onibus-no-rio-fala-sobre-momentos-de-terror.html>>. Acesso em: 21 de Jan. de 2022.